

Entre colapso e criação

Lis Haddad

As ruínas não são destroços inertes; elas respiram, abrigam vidas e narrativas. Em seu corpo fragmentado, encontram-se histórias que ainda vibram, micropolíticas de renascimento que emergem da decomposição. Como nos conta a antropóloga Anna Tsing, viver nas ruínas é aprender a coexistir com o que resta, explorar os limites entre o desfecho e o começo.

Ruínas são o testemunho do tempo, do colapso e da permanência. No simbolismo do tarô, encontram sua correspondência na relação da *Morte* - onde a transformação surge como força inevitável - com a carta do *Imperador* - que representa a estrutura e o domínio sobre o caos. Juntas, essas cartas nos convidam a olhar para o paradoxo desta paisagem: a decomposição que gera espaço para o renascimento, a queda de uma ordem que dá lugar à criação de outra.

Se para o tarô a *Torre* é o estrondo que derruba, a carta da *Morte* é o silêncio fértil que segue. É a capacidade de olhar para os escombros e enxergar possibilidades: sementes germinando em rachaduras, musgos cobrindo o que antes era concreto. É nas ruínas que as narrativas se desdobram, não como algo perdido, mas como uma base para o que será criado.

O *Imperador* atua nesse cenário como o cuidador das possibilidades. Ele vê ali não a ausência de estrutura, mas a oportunidade de desenhar novas formas de habitar o mundo. Para Tsing, essas novas formas não vêm de cima, mas emergem de interações sutis entre os fragmentos e os agentes que os habitam. O *Imperador*, quando unido à *Morte*, não busca restaurar o antigo, mas dar forma ao que cresce nas intersecções entre o velho e o novo.

Assim, as ruínas nos ensinam que o colapso não é o fim, mas o início de uma convivência sensível com os vestígios do passado. Elas nos convidam a abraçar a impermanência, a escutar os murmúrios das coisas quebradas e a imaginar um futuro onde o desfeito é matéria-prima para o possível.